

para (melhor) enfrentar o
sofrimento

ELBEN M. LENZ CÉSAR

para (melhor) enfrentar o
sofrimento

A RESISTÊNCIA DE JÓ EM MEIO A DOR



Editora Ultmato
Viçosa, MG

PARA (MELHOR) ENFRENTAR O SOFRIMENTO
Categoria: Vida Cristã / Aconselhamento / Estudo Bíblico

Copyright © 2008, Elben M. Lenz César
Todos os direitos reservados

Primeira edição: Maio de 2008
Coodenação editorial: Bernadete Ribeiro
Revisão: Fabiano Ramos
Capa: Julio Carvalho

Ficha Catalográfica Preparada pela Seção de Catalogação
e Classificação da Biblioteca Central da UFV

C421p
2008

César, Elben M. Lenz, 1930-

Para (melhor) enfrentar o sofrimento : a resistência de
Jó em meio à dor / Elben M. Lenz César. – Viçosa, MG :
Ultimato, 2008.

128p. ; 21cm.

ISBN 978-85-7779-007-4

1. Livro de Jó (Crítica bíblica). 2. Bem e mal. I. Título.

CDD. 22.ed. 223.1

PUBLICADO NO BRASIL COM AUTORIZAÇÃO E COM TODOS OS DIREITOS RESERVADOS

EDITORA ULTIMATO LTDA
Caixa Postal 43
36570-000 Viçosa, MG
Telefone: 31 3891-3149
Fax: 31 3891-1557
www.ultimato.com.br

O homem da terra de Uz e sua esposa perderam os dez filhos de repente, num só dia, quando a casa onde comemoravam o aniversário do filho mais velho desabou.

Lídia de Oliveira Dutra, de 34 anos, perdeu o marido, o pastor Ailton de Assis Dutra (39), os filhos Kátia (18), Bruna (6) e Caio (9 meses) de repente, num só dia (15 de janeiro de 2008), num acidente de carro quando a família estava em férias.

Para (Melhor) Enfrentar o Sofrimento *pretende enxugar as lágrimas de Lídia (a única sobrevivente) e de todos os que estão sofrendo por uma razão qualquer.*

Legenda

BH - Bíblia Hebraica

BJ - A Bíblia de Jerusalém

BP - Bíblia do Peregrino

BV - A Bíblia Viva

CNBB - Tradução da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil

EPC - Edição Pastoral Catequética

NTLH - Nova Tradução na Linguagem de Hoje

RA - Revista e Atualizada

TEB - Tradução Ecumênica da Bíblia

As referências bíblicas não seguidas de indicação foram retiradas da Nova Versão Internacional, da Sociedade Bíblica Internacional

SUMÁRIO

<i>Prefácio</i>	9
<i>Apresentação</i>	15
1. Santidade	19
2. Paternidade	23
3. Adoração	29
4. Soberania	33
5. Resistência	37
6. Teimosia	45
7. Esperança	49
8. Coerência	53
9. Inocência	59
10. Sabedoria	65
11. Sabatina	71
12. Desgraças	77
13. Espera	83
14. Tentação	89
15. Melancolia	95
16. Morte	101
17. Consolação	107
18. Desabafos	113
19. Apoteose	121

PREFÁCIO

QUE PRAZER É ESSE que nos leva a ouvir a dor do outro? Essa foi a provocação que encimava o convite para um congresso de psiquiatria. Prazer masoquista que por caminhos tortuosos nos leva a cultivar o sofrimento? Ruminação depressiva que nos prende a sentimentos e situações penosas? Personalidade melancólica que predispõe à proximidade com o trágico? Seremos capazes daquele desapego de nós mesmos, suficiente para experimentarmos empatia e compaixão, e, então, oferecermos ajuda?

A história de vida de cada pessoa condiciona à aproximação ou ao distanciamento das situações penosas da existência. De qualquer forma, as experiências desastrosas são impositivas e fazem-se presentes a todos. A dor que atinge o outro é também minha de alguma forma, mesmo que assuma roupagens diferentes ou esteja distante no tempo. Assim, num movimento dialético, cheio de nuances, vão se configurando atitudes de negação, rejeição e hostilidade; mas também de aproximação e solidariedade.

De minha parte, tenho algumas pistas para compreender a atração que sinto pelo livro de Jó. Fui gestado em meio ao luto pela morte de um irmão mais velho. Ao nascer, uma

fratura óssea acrescentou dor física à experiência do abandono. A origem germânica de meus pais, aliada às situações traumáticas pelas quais ambos passaram, determinou formas menos explícitas de manifestação afetiva em nossa família. Além disso, cresci na subcultura protestante minoritária, discriminada no Brasil de então. Depois, ao longo dos anos, experiências concretas confirmaram que não vim ao mundo só para brincadeiras.

Por outro lado, em nosso lar havia suprimento e incentivo, como também coerência e integridade de vida. Assim, identifiquei-me com a fé vibrante em Jesus Cristo, com a paixão pela Bíblia, passando logo a cultivar a riqueza da espiritualidade cristã. Estava formada a base para escolhas posteriores: dedicar-me a uma profissão de ajuda, envolver-me na problemática existencial, colocar-me em lugares-limite, distinguir-me em situações extremas, tendo sempre como referência a centralidade do meu compromisso com o Deus da minha vida.

O que levou o Rev. Elben César a se debruçar sobre o livro de Jó, somente ele e Deus o poderão saber. O resultado, contudo, é para proveito de muitos. Temos em mãos um excelente texto, de leitura agradável e inspiradora. Reafirmando a inclinação do autor, a intenção não foi enveredar por uma análise teológica ou literária, mas extrair lições de extrema utilidade para a caminhada humana.

Por certo, muitos já investiram em projetos semelhantes. Os escritos do Rev. Elben, porém, gozam de um frescor e leveza que atraem do princípio ao fim. Eles são repletos de constatações novas e ilações inusuais, capazes de transmitir muito mais que os tratados e escritos acadêmicos. Por conhecer o autor há quase cinqüenta anos, ousou dizer

que a origem da sua vitalidade está no fato de que tudo nasce de um coração generoso e cheio de fé, sempre ávido por repartir aquilo que já brota autenticado pela sinceridade e inteireza de propósitos. São derivados, antes de tudo, da sua comunhão com Deus.

Nunca é demais abordar o tema do sofrimento. Fascinados por aparentes novidades, muitas pessoas sentem-se atraídas por explicações simplistas, maquiadas por uma lógica superficial, que lhes são oferecidas. Uma delas, baseada em religiões orientais, propõe que o consideremos uma ilusão, fruto de uma deformação perceptiva; bastaria uma nova disposição mental para fazer a dor diluir-se numa paz utópica e distante.

Crenças de natureza espiritualista, bem difundidas em nosso país, tentam explicar o sofrimento pela necessidade do próprio sofrimento, apontando uma seqüência de culpas e castigos expiatórios que avançam pela eternidade. Se o tempo da vida humana é curto, outras oportunidades todos teriam: para sofrer ainda mais!

Uma doce submissão às circunstâncias expressaria sintonia com as forças da natureza, reconhecendo a nossa insignificância diante da pretendida evolução cósmica. Intelectualóides de inspiração estóica assim se afirmam. Outros, por via próxima, sucumbem ao niilismo. Alguns até, em aparente contra-senso, fazem ressurgir suposições animistas, com a pretensão de dominar poderes mágicos atuantes no universo.

Também entre os cristãos há confusão sobre o tema. Há quem nos sugere acolher a dor, e mesmo a morte, como companheiras amáveis, capazes de nos conduzir ao crescimento espiritual. Assim, não é de estranhar que se

tenha proposto a busca ativa do sofrimento como meio de expiação e identificação com Cristo. Em direção contrária, aqueles de disposição triunfalista apegam-se à suficiência do sacrifício de Jesus Cristo e dizem não admitir que mal algum os acometa. Uns querem tomar a cruz para si; outros querem um cristianismo sem cruz.

A Bíblia é o livro fundador da nossa civilização e, portanto, deve servir de referência para a consideração acerca deste assunto que nos toca tão de perto. Infelizmente, muitos ainda não a leram. De qualquer forma, sentem-se autorizados a considerá-la ultrapassada, colocando-se prontos a serem arrastados em direções menos confiáveis. Outros a tomam superficialmente, ficando igualmente vulneráveis diante das adversidades.

Nada como voltar a Jó. Melhor ainda, ao próprio Jesus Cristo, que nos ensina a construir nossa vida sobre a rocha que é ele mesmo. Então, quando vierem as tragédias, elas nos encontrarão bem alicerçados e firmes.

A tradição cristã tem produzido obras monumentais que merecem ser resgatadas e divulgadas, por exemplo, os escritos de John Donne. Admito que somente há pouco fui apresentado. Atingido por devastadora epidemia suportada pela Inglaterra no século 16, ele atuava duplamente: como pastor, socorria e confortava os remanescentes; como poeta, registrava de maneira eloqüente o seu próprio drama.

Autores recentes talvez sejam mais lidos. Na minha biblioteca consigo recuperar alguns livros sobre o tema que me marcaram ao longo dos anos: *Cristo e o Sofrimento Humano*, de E. Stanley Jones (Imprensa Metodista); *O Problema do Sofrimento*, de C. S. Lewis (Editora Mundo Cristão); *Por que Sofrer?*, de Erhard S.

Gerstenberger e Wolfgang Schrage (Editora Sinodal); *Lamento por Um Filho*, de Nicholas Wolterstorff (Editora Ultimato); *Deus Sabe que Sofremos* e *Decepcionado com Deus*, ambos de Philip Yancey (Editora Vida e Editora Mundo Cristão).

Para (Melhor) Enfrentar o Sofrimento, porém, traz algo novo, indo além na abordagem do sofrimento humano: ele identifica as qualidades e virtudes na personalidade de Jó que o tornaram capaz de sobreviver a todas as suas tragédias.

De fato, pesquisas no campo da saúde têm indicado que a espiritualidade e a fé são recursos valiosos em momentos difíceis da existência humana. Elas são elementos básicos nas estratégias para o enfrentamento de situações adversas. Ademais, tornam consistente o referencial simbólico necessário à ressignificação dos acontecimentos trágicos, apontando caminhos para a superação dos mesmos. Resiliência é o conceito extraído do campo da física e que expressa exatamente essa capacidade de resistir às tragédias e sobreviver a elas com menor dano.

Não é, porém, qualquer fé que se presta a tal. A singela e simplória fé na fé, em qualquer fé, desmorona-se diante das mudanças de ânimo que o sofrimento acarreta. Seus correlatos, o otimismo e o pensamento positivo, são muito bons enquanto é possível manter o entusiasmo. A tarefa de superação deixada à mercê dos esforços da própria pessoa, já combatida e extenuada, tem efeito limitado.

O que nos sustenta quando tudo desmorona e nos atinge no íntimo, desmobilizando os esquemas cognitivos, as disposições afetivas e as iniciativas da vontade? Jó, a despeito do seu desespero e da sua rudeza diante do próprio Deus,

tinha algo bem estabelecido no seu íntimo: “Eu sei que o meu Redentor vive e por fim se levantará” (Jó 19.25). Ele contava com alguém maior e além de si mesmo.

Para (Melhor) Enfrentar o Sofrimento, em seus diversos capítulos, com linguagem direta e esclarecedora, aponta qualidades e virtudes, mas também limitações e embaraços vivenciados pelo personagem em questão. De um lado alinham-se santidade, adoração, esperança, coerência, inocência, sabedoria... De outro, encontramos tentação, teimosia, desabafos, espera... O livro coloca-nos diante de um Jó muito humano e, portanto, muito próximo. Assim, é leitura para mim, para você, para todos; mesmo sabendo no íntimo, de antemão, que inocência e pureza certamente nos faltam.

Vamos à sua leitura, com atenção e muito proveito. Ao seu lado, sugiro que tenhamos a Bíblia aberta, podendo assim cotejar cada parágrafo e conferir as citações diretamente na fonte. Concordo plenamente com o Rev. Elben: “O livro de Jó precisa ser redescoberto e lido por inteiro. Pois não há melhor compêndio sobre o sofrimento humano do que esse livro”.

Uriel Heckert

APRESENTAÇÃO

JÓ ERA MUITO PARECIDO com aquele homem que se aproximou de Jesus e, em plena via pública, pôs-se de joelhos diante dele e lhe perguntou: “Bom mestre, que farei para herdar a vida eterna?” (Mc 10.17).

Ambos eram muito ricos, preeminentes, cuidadosos com a ética e talvez tivessem mais ou menos a mesma idade. Ao mesmo tempo, eram bastante diferentes: o jovem rico tinha muitas propriedades e era possuído pela riqueza; o homem da terra de Uz tinha 11.500 cabeças de gado mas não era possuído pela riqueza.

Conhecedor do Calcanhar-de-aquiles do rapaz, Jesus ordenou que ele vendesse todos os seus bens e desse o dinheiro aos pobres. Diante disso, ele ficou abatido e afastou-se triste porque, caso levasse a sério o conselho do bom mestre, teria de abrir mão de muitas riquezas. Frente à tristeza do rapaz e à tentação da riqueza, Jesus afirmou aos seus discípulos: “É quase impossível um rico entrar no reino dos céus”. E, para reforçar o que havia dito, continuou: “É mais fácil um camelo passar pelo buraco de uma agulha que um rico entrar no reino de Deus” (Mt 19.24, BP). Jó, porém, era uma notável exceção. Ele é o camelo que passou pelo

buraco da agulha de coser! Pois, como ele mesmo declara no último de seus vários discursos: “Jamais confiei no ouro: ele nunca foi a base de minha segurança. Nunca me orgulhei de ter muitas riquezas, nem de ganhar muito dinheiro” (Jó 31.24-25, NTLH). Ao contrário, Jó tinha uma notável consciência social e nunca ficou de mãos abanando diante das necessidades dos pobres, órfãos, viúvas e estrangeiros.

Não se sabe em que tempo Jó viveu. Talvez na época dos patriarcas, quase dois milênios antes de Cristo. Também não se sabe quando foi escrito o livro que leva o seu nome. É mais seguro dizer que teria sido em qualquer espaço de tempo entre 1.500 antes de Cristo e 500 depois de Cristo. Também não se tem a menor informação sobre a autoria do livro.

O livro de Jó faz parte de uma coleção de cinco livros conhecidos como poéticos, de riqueza e variedade enormes. Enquanto o livro de Jó é uma coleção de dores, os outros são coleções de cânticos (Salmos), de máximas (Provérbios), de frustrações (Eclesiastes) e de declarações de amor (Cântico dos Cânticos). Os cinco livros poéticos são uma notável mistura de oração e cânticos, choro e desabafos, alegria e tristeza, ação de graças e confissão de pecado, pompa e miséria, pecado e graça, discursos equivocados e discursos maravilhosos. Eles são um verdadeiro cofre de onde se pode tirar consolo, força, orientação, exemplo e muita sabedoria.

Exceto o prólogo (capítulos 1 e 2) e o epílogo (42.7-17), tudo é poesia no livro de Jó. São 39 capítulos e seis versículos de pura poesia. O prólogo lembra o *Paraíso Perdido*, o maior poema épico em língua inglesa, escrito pelo poeta londrino John Milton, em 1667, quando ele já tinha 59 anos e era cego. O epílogo, por sua vez, lembra o *Paraíso Recuperado*,

outro poema de Milton, escrito quatro anos depois do primeiro. O drama de Jó transcorre entre o prólogo e o epílogo, entre o paraíso perdido e o paraíso recuperado.

O paraíso perdido e o paraíso recuperado nem sempre estão próximos. A caminhada entre um e outro às vezes é longa. Para melhor enfrentar o sofrimento intenso desse período, precisamos conhecer e imitar o exemplo de Jó. O homem da terra de Uz procurou manter-se íntegro, alimentou a certeza da soberania de Deus, ofereceu resistência à dor, abraçou a lógica da esperança, portou-se com sabedoria consigo mesmo e com os outros e fez uso constante das orações de desabafo.

O livro de Jó precisa ser redescoberto e lido por inteiro, pois não há melhor compêndio sobre o sofrimento humano. Ele não esconde a estranha desgraça que se abateu sobre um homem em paz com Deus, com suas dores, suas perguntas, suas lutas, suas crises e seus momentos ora de esperança ora de desesperança. Não há outro livro que encoraje mais o sofredor a acreditar firmemente que “os nossos sofrimentos atuais não podem ser comparados com a glória que em nós será revelada” (Rm 8.18). Pois “olho nenhum viu, ouvido nenhum ouviu, mente nenhuma imaginou o que Deus preparou para aqueles que o amam” (1Co 2.9)!

SANTIDADE

Obedeço aos mandamentos de Deus;
sempre faço a sua vontade e não a minha.

Jó 23.12

ANTES DE CHAMAR a atenção para a prosperidade do homem da terra de Uz, o autor do livro de Jó menciona o seu comportamento diante de Deus e da sociedade. O patriarca “era bom e honesto, temia a Deus e procurava não fazer nada que fosse errado” (1.1, NTLH).

A santidade de Jó é holística, isto é, ele não se portava de maneira correta apenas em algumas áreas, mas praticamente em todas as áreas. O Senhor se gabava da conduta de Jó: “Não há ninguém na terra como ele, irrepreensível, íntegro, homem que teme a Deus e evita o mal” (1.8; 2.4). Tanto Satanás (1.9-11; 2.4) como a mulher de Jó admitem implicitamente a santidade holística de Jó (2.9). A única referência do Novo Testamento ao homem da terra de Uz

é elogiosa: “Jó é um exemplo de um homem que continuou a confiar no Senhor no sofrimento” (Tg 5.11, BV).

Não é qualquer um que pode se apresentar irrepreensível sem pregar mentira. Por força de circunstâncias especiais, Jó se declara assim em várias ocasiões: “Deus conhece cada um dos meus passos; se ele me puser à prova, verá que sairei puro como o ouro” (23.10).

A ética cristã exige *transparência*. Não se pode lavar o copo e o prato somente por fora, mas por dentro e por fora. Não se pode ser como os sepulcros, bonitos na aparência e cheios de ossos e todo tipo de imundície (Mt 23.25). Jó levava isso a sério: “Juro que não tenho sido falso e que nunca procurei enganar os outros” (31.5, NTLH).

A ética cristã exige *desapego* em relação ao dinheiro. Ninguém pode servir a Deus e ao dinheiro ao mesmo tempo, pois odiará um e amará o outro (Mt 6.24). As riquezas não podem fomentar o orgulho (Ez 28.5). Jó levava isso a sério: “Jamais confiei no ouro, ele nunca foi a base da minha segurança. Nunca me orgulhei de ter muitas riquezas” (31.24-25).

A ética cristã exige *consciência e obrigações sociais*. Não se pode desprezar o pobre em benefício dos ricos (Tg 2.6), nem fechar os ouvidos ao clamor do pobre (Pv 21.13), nem atrasar o salário do trabalhador do campo (Dt 24.14; Tg 5.4-6). Jó levava isso a sério: “[Eu] era pai dos pobres e defensor dos direitos dos estrangeiros. Eu acabava com o poder dos exploradores e livrava das suas garras as vítimas” (29.15-17).

A ética cristã exige que se *ame os inimigos*. Não se deve retribuir o mal com o mal (1Ts 5.15) nem ficar contente com a desgraça alheia (Ob 12-13). Jesus mandou amar os próprios inimigos e orar por aqueles que nos perseguem (Mt 5.44). Jó levava isso a sério: “Jamais me alegrei com o

sofrimento dos meus inimigos, nem fiquei contente se lhes acontecia alguma desgraça e nunca fiz uma oração pedindo a Deus que matasse alguns deles” (31.29-32).

A ética cristã exige *pureza sexual*. Não se deve cobiçar a beleza e o corpo da mulher alheia, seja uma profissional do sexo ou uma mulher casada (Êx 20.14, 17; Pv 6.25-29). As moças devem ser tratadas como irmãs, com toda pureza (1Tm 5.2). Jó levava isso a sério: “Eu jurei que os meus olhos nunca haveriam de cobiçar uma virgem (...) Se o meu coração alguma vez foi seduzido pela mulher de meu vizinho, e se fiquei escondido, espiando a porta da casa dela, então que a minha mulher se torne escrava de outro e que outros durmam com ela” (31.1; 9-10).

A santidade de Jó nunca foi interesseira, como supunha Satanás (1.9-11), nem circunstancial. Ela era anterior ao seu infortúnio e foi mantida em meio às desgraças pelas quais passou. A santidade do homem da terra de Uz torna-se mais notável quando se lê no Antigo Testamento que todos se desviaram e se corromperam e que “não há quem faça o bem, não há nem um sequer” (Sl 14.3; 53.3).